

O homem da porta da Garnier

Eneida Maria de Souza

Resumo

Este ensaio tem como objeto a leitura de três crônicas de Machado de Assis, levando-se em conta a relação entre os personagens de Antônio Conselheiro e do proprietário da Livraria Garnier. Nessa relação inscreve-se a figura do cronista, que se manifesta atraído tanto pelo estilo de vida do herói de Canudos quanto pelo de Garnier. Com base na existência contraditória dessas personagens, o artigo reflete sobre as contradições do imaginário social do final do século XIX.

Resumé

Cet essai a pour objet la lecture de trois chroniques de Machado de Assis, en tenant compte le rapport entre les personnages d'Antonio Conselheiro et du propriétaire de la Librairie Garnier. Dans ce rapport s'inscrit l'image du chroniqueur, qui se montre attiré tant par le style de vie du héros de Canudos quant par celui de Garnier. A partir de l'existence contradictoire de ces deux personnages, l'article reflète sur les contradictions de l'imaginaire social de la fin du XIX siècle.

Graciliano Ramos, ao escrever sobre a Livraria José Olympio, considera ser esta "um lugar onde se encontra excelente e abundante material para um romance, que poderia ser editado ali mesmo". E mais adiante, completa: "Move-se diariamente em redor daquelas mesas uma boa parte da literatura nacional. Fervilham as discussões, enchem a casa, às vezes se prolongam até que se fecha a porta."

O autor de *Vidas Secas* refere-se à idéia de romance surgida da vida literária dos anos 30 e protagonizada por escritores e artistas que freqüentam a livraria, lugar em que se discutia, se fazia e se editava Literatura. Utilizando-se do romance como metáfora para documentar a história de José Olympio e sua importância para a compreensão da Literatura Brasileira, Graciliano Ramos nos acena para esse outro lado da crítica, a reconstituição dos lugares onde se produz um saber. A opção pelo termo romance explicita ainda o permanente trânsito entre a historicização da Literatura e a esteticização do fato histórico, entendendo-se o romance, ora sob a perspectiva estrutural, a novelesca, cujo enredo seria construído pela relação amigável entre os freqüentadores da livraria, ora como narrativa que ultrapassasse o âmbito novelesco e contribuísse para a constituição de certa poética literária que ali se engendrava.

Machado de Assis, em 1893, na última crônica de *Páginas Recolhidas*, fecha o volume com o texto sobre Garnier, dono da editora e livraria do mesmo nome, situada no número 71 da rua do Ouvidor. Da mesma forma que o Graciliano dos anos 30, Machado evoca o lugar onde se reunia a intelectualidade da segunda metade do século XIX, entre eles o próprio escritor, Alencar e Macedo. No entanto, ao lado dessa possibilidade da produção de um romance bem-humorado da José Olympio, tem-se a presença do entre-lugar de Machado, configurado pela morte de Garnier, que irá reforçar o clima melancólico e pessimista de final de século. Inserido na encruzilhada de duas épocas, o cronista lamenta o desaparecimento da maioria dos freqüentadores da livraria, o que, no momento, com a morte de seu dono, simbolizava o apagar das luzes de um século.

A fervilhante rua do Ouvidor, agora descaracterizada e acabado o momento de euforia, representa um tempo intermediário, de passagem e mudanças, ao ceder lugar para o aparecimento de eloqüentes e modernas avenidas — diferente narrativa citadina e outros horizontes discursivos. A Livraria

Garnier, "uma das últimas casas da rua do Ouvidor", ia-se fechando como se fechavam os olhos de seu dono e do século.

Visitar Garnier, não mais como figura humana mas como inscrição na lápide da pedra e do papel (como antes o era na livraria), retoma a associação realizada pelo autor entre a imagem lapidar e o livro, entre Literatura e Arquitetura ou entre escrita e inscrição mortuária. O olhar do observador ou do leitor que percorre o livro e lê a cidade revitaliza o caráter imóvel da inscrição e a movimenta no espaço escritural. No cemitério, quando se despede do amigo, o cronista percebe que, aos olhos das crianças, as figuras sepulcrais são como "lindas bonecas de pedra", apontando aí a releitura pelo novo e a ressurreição, pelo olhar, do objeto.

Percebe-se ainda que a personagem de Garnier condensa um certo tipo de Literatura e de prosa enredada na cidade, no espaço cosmopolita e turbulento, embora marcado por atividades rotineiras e hábitos de qualquer homem comum. A imagem emblemática do editor Garnier, evocado "ao pé de uma carteira de trabalho" e no meio de toda escrituração, consubstancializa esse perfil do intelectual, do sujeito que tece vagarosamente os fios da história, num ambiente, ao mesmo tempo público e privado, onde se engendram romances e se travam relações literárias as mais profundas.

Outra personagem, contudo, irá fascinar Machado, no meio dessa contraditória imagem de fim-de-século: Antonio Conselheiro, o poeta descabelado que percorre o sertão da Bahia e com ele vai levando um bando de fanáticos. O escritor, ao encarnar a face oculta desse sujeito cidadão que se vê prisioneiro de calendários, impostos e reverências, ou da "vida social e pacata", interpreta a ação do Conselheiro na crônica "Canção de piratas" como o "raio do sol que, através da chuva miúda e aborrecida, vem dourar-nos a janela e a alma". (P.R., p.652).

A utilização da metáfora literária que, em Machado, irá funcionar como leitura dos fatos sociais e históricos estabelece a relação entre a personagem de Canudos e Garnier, não só pelo fato de estarem as duas crônicas situadas uma após a outra nas *Páginas Recolhidas*, mas também pelo jogo criado entre as duas personagens. Nesse sentido, serão examinadas as diferenças apresentadas por Machado entre a prosa e a poesia, a prosa urbana e a poesia "romântica" do sertão, o livro e o jornal. Essas diferenças se processam através do convívio ambivalente entre o clima eufórico e disfórico de uma época: otimismo e crença nos

novos valores ou a perda desse sentimento que se traduzia na atmosfera melancólica e cética de final de século.

O cronista, por intermédio da metáfora literária, promove sua dupla entrada na constituição do discurso: seja como aproveitamento temático - a prosa da cidade e a poesia do sertão - seja como operação retórica, ao processar analogicamente a transposição de sentidos de um campo semântico para outro, embaralhando os limites de significação e mantendo-se a ambigüidade da montagem.

Tematicamente, a prática narrativa da cidade - representativa da prosa de Machado, com seu tom mais baixo, suas cores mais tênues ou as "tiragens miúdas e pingadas da Garnier", na feliz expressão de Graciliano Ramos - distingue-se da poética eloqüente e épica do Conselheiro. Trata-se de uma poesia que se expande abertamente pelo sertão e em grandes tiragens do jornal, veículo que se impõe como Literatura do quotidiano: "Me dá uma folha que traz o retrato desse homem que briga lá fora", pede a mulher ao vendedor de jornais, interessada em saber notícias do Messias de Canudos.

Na qualidade de operador retórico, a metáfora atua enquanto procedimento associativo de relativização de oposições, construindo categorias que vão sendo feitas e desfeitas pelo traço discursivo. A ambigüidade da técnica de montagem permite a condensação e o deslocamento dos exemplos, restando ao leitor a astúcia em perceber que os termos de uma relação não formam categorias estanques, necessitando, pois, considerá-los relativamente. A afinidade de Machado com Garnier e a fascinação exercida pelo Conselheiro configuram a leitura distanciada e irônica do narrador diante dos fatos e o convívio sempre problemático do sujeito com a semelhança e a alteridade.

PIRATAS ROMÂNTICOS DA RUA DO OUVIDOR

Garnier e o Conselheiro trazem, de forma distinta, a marca de personagem literária: o primeiro, na condição de integrante da vida intelectual do Rio oitocentista; o segundo, personagem política, interpretada como ator épico e romântico, e encarnando os "piratas dos poetas" de 1870. No texto de 1894 sobre o Conselheiro, Machado acentua a força de ação e a dose de loucura desse homem de vasta cabeleira e chapéu alto, embaralhando a rotina e a "prosa chilra e dura deste fim de século". Define a arte-ação do herói de Canudos com a ajuda de

metáforas orgânicas, reunindo os ideais de renovação artística e social com as transformações processadas na natureza. Pretende descrever a grande narrativa épica vivida pelo Conselheiro e seus fanáticos, comparando-a ao aparecimento, na primavera, de folhas verdes e novas na árvore despida pelo outono.

Para nós, artistas, é a renascença, é um ralo de sol que, através da chuva miúda e aborrecida, vem dourar-nos a janela e a alma. É a poesia que nos levanta do meio da prosa chilra e dura deste fim de século. Nos climas ásperos, a árvore que o inverno despiu é novamente enfolhada pela primavera, essa eterna florista que aprendeu não sei onde e não esquece o que lhe ensinaram. A arte é a árvore despida: eis que lhe rebentam folhas novas e verdes.

Nessa atmosfera de arrebatamento, que se iguala aos áureos tempos da poesia romântica (Hugo, Byron e Gonçalves Dias), o Conselheiro surge como personagem dos poemas, saído das folhas ainda verdes desses cantos. Representa, no seu desvario e na sua poesia tardia, a concretização dos ideais românticos e de certa postura do sujeito que irracionalmente investe contra a ordem enfadonha das leis e das mudanças políticas. Piratas dos poetas de 1870, a personagem de Canudos e seu bando são estampados nas crônicas de Machado como personagens ficcionais e utópicas, por sugerirem o sentimento ambíguo de sedução e distanciamento.

Essa imagem fictícia é também produzida pelo jornal, veículo que contribui para aumentar o caráter lendário e a celebridade da personagem, além de manter, com ele, uma relação mimética. Exercendo o papel de uma personagem que encena um drama no alto sertão da Bahia, expondo-se publicamente e tendo sua imagem reduplicada nos jornais da época, sua poesia traz a marca do meio de comunicação da modernidade que, ao informar sobre a literatura do dia-a-dia, constrói "cantorias de grande fôlego" e "romances inauditos". O jornal irá possibilitar a exposição do sujeito de forma mais contundente, pela multiplicação de fotos e nomes impressos, que contribuem para a vasta proliferação de histórias, enredadas de boca em boca.

A visão que Machado apresenta do jornal deve ser interpretada de forma cautelosa, pois, se em 1859, em texto intitulado "O Jornal e o Livro", o veículo é aclamado como um dos

grandes progressos do momento, "a epopéia do século XIX", é ele agora visto com as devidas reservas. Vejamos o texto de 1859:

O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das idéias e o fogo das convicções.

A euforia e a crença no milagre trazido pelo jornal poderiam ser comparadas, num determinado ângulo, à recepção da poesia do Conselheiro, voz ao mesmo tempo conservadora e libertária de final de século. Interpretados como símbolos, o jornal e o Conselheiro representariam ora o fascínio exercido em Machado pela região esquecida e recalçada da loucura e da transgressão, ora a exposição, em manchete, da privacidade individual. A personagem literária do homem da porta da Garnier, ao ser indiretamente retratada na crônica dedicada a Garnier, distancia-se da eloquência descabelada do Conselheiro. Por essa mesma razão é que a figura tanto atrai o escritor que timidamente passela todas as tardes pela rua do Ouvidor.

Em crônica de 1897, intitulada "Miscelânea", Machado muda sua opinião sobre a personagem de Canudos, uma vez que a notícia sobre o Conselheiro não se apresenta com o entusiasmo manifestado anteriormente em relação ao mesmo fato. Segundo o cronista, o Conselheiro será lembrado no futuro pela cabelereira ou pelo chapéu. Reforça-se, no entanto, a irônica comparação entre a notoriedade desta figura messiânica e sua importância para a baixa dos fundos no exterior e a insignificância do habitante da cidade, fervoroso cumpridor de seus compromissos sociais.

Esta é a celebridade. Outra prova é o eco de Nova York e de Londres onde o nome de Antônio Conselheiro fez baixar os nossos fundos. O efeito é triste, mas vê se tu, leitor sem fanatismo, vê se és capaz de fazer baixar o menor dos nossos títulos. Habitante da cidade, podes ser conhecido de toda rua do Ouvidor e seus arredores, cansar os chapéus, as mãos, as bocas dos outros em saudações e elogios; com tudo isso, com o teu nome nas folhas ou nas esquinas de uma rua, não chegarás ao poder daquele homenzinho, que passela

pelo sertão, uma vila, uma pequena cidade, a que só falta uma folha, um teatro, um clube, uma polícia e sete ou oito roletas, para entrar nos almanaques.

A diferença do sertão do herói de Canudos, desliza a prosa miúda do escritor, habitante da cidade e freqüentador da Livraria Garnier, na rua do Ouvidor. A personalidade pública de Machado guarda, portanto, semelhanças com a sua postura diante da causa pública, como Presidente da Academia Brasileira de Letras, casa por ele fundada. Nas palavras de Dirce Riedel:

O presidente dá o tom que julga dever caracterizar a atividade de uma Academia de Letras: uma atividade acima de tudo 'útil', 'despojada de brilhos e arruídos', logo um officio que não será brilhante ou ruidoso, mas proveitoso - 'a utilidade é um título ainda nas academias'. Fica bem claro, para os ouvintes de cem anos atrás, como para os leitores de hoje: para Machado de Assis as atividades dos imortais dispensam o aparato ostensivo mas não a tranqüilidade que torna o trabalho proveitoso.

O escritor mantém ainda um vínculo com a figura de Garnier, identificando-se com o livreiro e compondo com ele o retrato de uma época, por ambos pertencerem a um específico espaço literário e social. Descrever a livraria através da imagem de seu dono é, para Machado, reconhecer o lugar que já se encontra predisposto a tornar-se um símbolo, um monumento literário representativo dos últimos anos do século XIX no Rio de Janeiro. Reativa dessa forma a nebulosa e dispersa memória dos discursos latentes que se encontram nesse espaço e de muitas vozes esquecidas, ao tecer uma narrativa que transforma o espaço em livro que será lido pelo leitor da cidade e de seus monumentos. Essa leitura irá captar fragmentos de passado que se recuperam pela maneira por que se penetra nas frestas e símbolos da cidade soterrada pelo tempo, à espera do decifrador de textos, do restaurador da linguagem esquecida das ruas e de suas casas.

No espaço simbólico da prosa e da vida literária de uma época é que a Livraria Garnier irá representar o lado tímido, recatado e público do escritor Machado, produtor de uma grande Literatura que na época não havia sido devidamente lida, a não ser por um pequeno número de leitores, ao contrário do que se verifica cem anos depois. Literatura que conseguiu, pela prosa

paciente e irônica de mestre, penetrar lenta e profundamente nos pequenos focos de luz dos salões, dos casarios e da alma humana de seus personagens do século XIX.

As palavras de Graciliano Ramos na crônica intitulada "Os Amigos de Machado de Assis" traçam o perfil do escritor, visto sob o ângulo da gigantesca distância que separava o gênio dos simples mortais. A agudeza do autor de *Vidas Secas* na captação desse perfil contribui grandemente para a efabulação do romance imaginário que ia sendo engendrado entre as quatro paredes da rua do Ouvidor:

No serviço, Machado de Assis reduzido a seu Machado, provavelmente não viu homens: viu peças de máquina burocrática, formas animadas do protocolo, do livro de ponto, da informação, do parecer baseado em artigos e parágrafos. Cumpriu rigorosamente os seus deveres, os deveres que figuravam no regulamento - e, fechada a carteira, livre das maçadas necessárias escreveu D. Casmurro, Brás Cubas, Quincas Borba, Várias Histórias, para um diminuto número de indivíduos, os construtores da Academia e alguns outros, entre os quais ressaltam os seus ouvintes da livraria do Ouvidor, onde o grande homem falava pouco e se encolhia, por ser gago e por não querer, prudente e modesto, apresentar-se em tamanho natural. Encurtando-se, poupando suscetibilidades, tentou igualar-se a outros, que lhe perdoaram a inteligência.

Narrar esse romance é ainda tarefa que necessita urgentemente ser colocada em prática. Afinal, não é Machado um dos maiores cronistas da cidade do Rio de Janeiro?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- RAMOS, Graciliano. A livraria José Olympio. In: *Linhas tortas*. Rio de Janeiro: Martins, 1962. p.124.
- ASSIS, Machado de. Garnier. *Páginas recolhidas. Obra completa*. V.2. Rio de Janeiro: Aguilar, 1979. p.652.
- ASSIS, Machado de. O jornal e o livro. *Miscelâneas. Obra Completa III*. Op. cit. p.945.
- ASSIS, Machado de. Crônica 07 fev. *A Semana*, 1897. *Obra Completa III*. Op. cit. p.762.
- RIEDEL, Dirce Côrtes. Machado de Assis: a causa pública. *Letras e Artes*. Rio de Janeiro, março de 1989, p.12.
- RAMOS, Graciliano. A livraria José Olympio. In: *Linhas tortas*. Rio de Janeiro: Martins, 1962. p.108.